



Sem poder ter sistema de ar condicionado nem umidificadores de ar, o Alvorada recebe muitas críticas: era chamado de “estufa” pelo ex-Presidente Ernesto Geisel e de “aquário” por sua mulher, D. Lucy. Tombado, nele nada pode ser mudado

# Sufoco e alergia no Palácio da Alvorada

MIRIAM MOURA

BRASÍLIA — Primeiro edifício inaugurado em Brasília, construído para ser a residência oficial do Presidente da República, o Palácio da Alvorada completou 30 anos em junho com muitas queixas de seus ilustres moradores. Os atuais, o Presidente José Sarney e Dona Marly, são discretos, mas já anunciaram a mudança, em breve, para a Granja do Torto, preferida pelos Presidentes João Goulart, Emílio Médici e João Figueiredo.

O Palácio foi projetado pelo premiadíssimo arquiteto Oscar Niemeyer. É um prédio retangular, circundado por uma galeria coberta, apoiada em colunas que têm o formato que deu origem ao símbolo da cidade. Um de seus principais defeitos, segundo seus habitantes, é o de não poder ter sistema de ar condicio-

nado para atenuar o sufocante calor da Capital Federal. Ele possui grandes aberturas frontais e laterais que nunca se fecham. Pela sua dimensão, cerca de três mil metros quadrados de área construída, em três andares, não é possível também instalar umidificadores de ar. No período da seca, Brasília atinge índices de até 13 por cento de umidade relativa do ar — cerca de quatro por cento a mais do que o índice do Deserto de Saara. Nesta época, Dona Marly é acometida por uma reação alérgica, com coiza constante.

Embora não goste do Alvorada, Dona Marly o suporta com paciência. Caseira, simples, ela reserva seus hobbies — cuidar de flores e árvores frutíferas — para os fins de semana no sítio do casal, o Pericumã. O Presidente Sarney, do qual não se costuma ouvir queixas sobre o Palácio, já foi visto por um visitante, com as mãos em concha, gritando, sem sucesso, por um garçom.

— O Niemeyer me faz passar por cada uma — exclamou o Presidente, sem conseguir ser atendido.

Sarney costuma utilizar a área que cerca o Alvorada para longas caminhadas matinais — ele acorda às 6h — ao som de boleros e músicas calmas, que saem do gravador conduzido pelo seu médico particular, Messias Dias de Araújo. Aos domingos, às 18h, o casal Sarney assiste na capela do Alvorada à missa celebrada pelo padre Rafael. Depois, Sarney e Dona Marly recebem um pequeno grupo de amigos na biblioteca. Os habitués são o Ministro da Administração, Aluizio Alves, e sua mulher, Dona Ivone; o casal Paloma e Pedro Costa (ela é filha de Jorge Amado); o Ministro Marcus Vileça, do TCU, o Ministro Carlos Madeira, do Supremo Tribunal Federal (tio de Dona Marly); o Ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares; Dona Cândia (secretária do Governador José

Aparecido); e o casal Leonor e José Aparecido.

Por volta das 19h, Dona Marly serve um lanche — sucos de frutas, caldo verde e pastéis, ou quibe. É uma espécie de sarau político e social, interrompido, toda semana, por quatro telefonemas, dos filhos Zequinha, Fernando e Roseana, e da mãe de Sarney, Dona Kiola, que ligam para saber notícias. Fora estes encontros, a rotina do casal no Alvorada é a mais discreta possível, garantem os amigos. A enorme mesa de jantar foi usada uma única vez este ano, no aniversário do Presidente, dia 24 de abril, para um coquetel. Já os aposentos íntimos, no segundo andar, são vistos apenas de relance pelos amigos mais chegados.

— São enormes e tristes — diz uma amiga de Dona Marly, que “se sentiria sufocada se lá tivesse de morar”.

Como tudo é tombado, Dona Marly pôde apenas mudar as colchas da ca-

ma para alegrar um pouco o ambiente. Nem mesmo quadros podem ser trocados. Austero, o mobiliário do Palácio é basicamente de jacarandá e pau-marfim, como atestam as plantas do prédio, guardadas no Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Governo do Distrito Federal. O quarto do Presidente mede cerca de 5,10 por 9,70 metros e possui um closet e um banheiro. Ao lado, uma suíte com cerca de 9,85 por sete metros abriga a filha Roseana e a neta Rafaela quando estão em Brasília. Há outros seis quartos na ala residencial, com três banheiros. Também há um mezanino e uma sala de estar íntima, e, ainda no segundo andar, uma copa com acesso à cozinha, no térreo. Se o Presidente ou Dona Marly quiserem buscar um copo d'água de madrugada, terão que percorrer 70 metros — nesta época, a uma temperatura média de 13 graus.

As críticas à pouca praticidade do Palácio não são compartilhadas pelo

Secretário de Viação e Obras do Distrito Federal, Carlos Magalhães, ex-genro de Oscar Niemeyer e responsável pela construção da Catedral e do Teatro Nacional de Brasília. Magalhães diz que é preciso haver consciência do que é morar em um palácio, “coisa bem diferente do aconchego de uma casa”. Magalhães lembra inclusive que, à época da construção do Palácio (1958), dizia-se que o ar de Brasília era tão fresco que não seria necessária a instalação de aparelhos de ar condicionado. Sem eles, porém, o Alvorada já recebeu apelidos nada lisonjeiros de seus antigos ocupantes. Para o ex-Presidente Ernesto Geisel, o Palácio era uma “estufa”. Sua mulher, Dona Lucy, chamava-o de “aquário”. E, graças a outro defeito do prédio, cujos odores e fumaça da cozinha se espalham pelos outros ambientes, é possível se descobrir o gosto culinário do maranhense José Sarney: fritada de camarão.